

## Espaço

Mãe de Hórus, de 6 anos, Tcherry Félix, 26, é uma das fundadoras do coletivo Mães da UnB, grupo focado no acolhimento e na permanência de estudantes mães, e conta que teve uma experiência de maternidade diferente, pois contou com uma rede de apoio por parte da família. Apesar disso, ela afirma que teria sido ainda melhor se tivesse a ajuda da universidade na época. “Se houvesse a possibilidade de ter um espaço para deixá-lo, teria sido mais tranquilo, porque, por exemplo, eu moro no Gama, que fica a 40 km do câmpus”, relata.

Acompanhando de perto o funcionamento do CEI, ela afirma que a instalação da unidade foi um grande passo para a garantia de um espaço historicamente negligenciado para pessoas que têm filhos. “Essa política pública é extremamente importante porque, primeiro, é uma mensagem de que essas pessoas vão ser acolhidas e que a universidade também é um espaço para elas. Segundo, para pensar na existência e resistência dessas pessoas dentro da comunidade acadêmica”, defende.

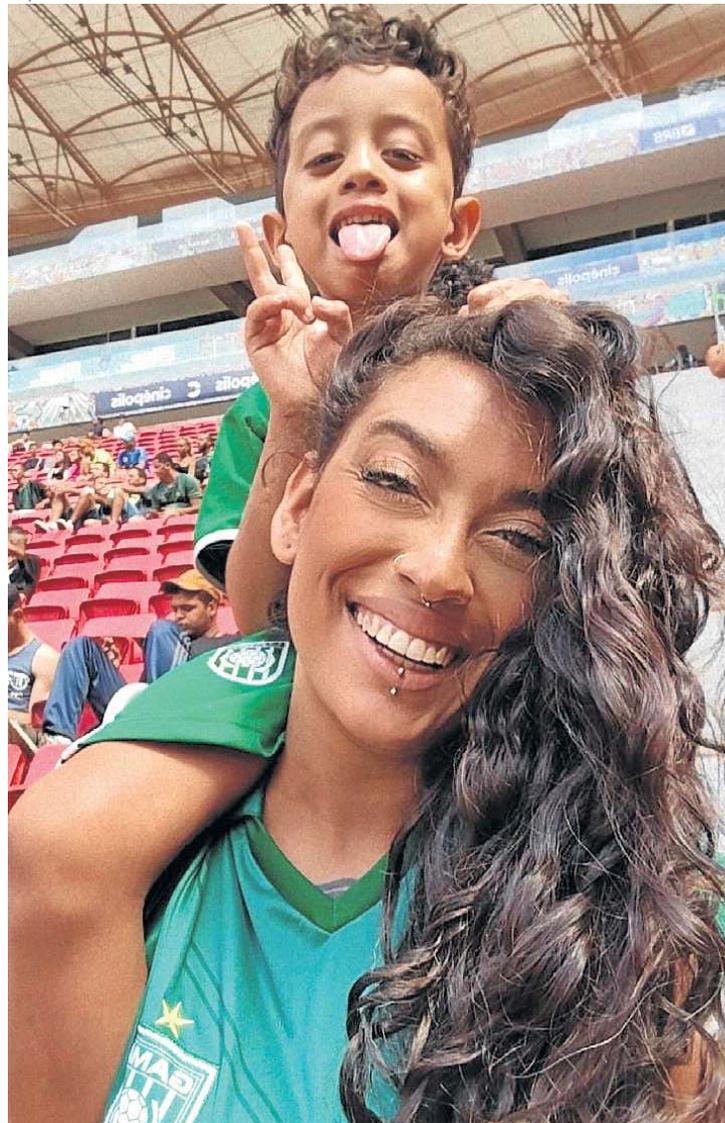
Dentre iniciativas, como o auxílio-creche, Tcherry reforça a importância do espaço físico para o desenvolvimento da criança. “Por muito tempo, ela ficaria na casa de alguém, provavelmente da avó. Agora, em uma creche, ela tem outros estímulos sociais, começa a se desenvolver a partir de percepção pedagógica, do contato com outras crianças e com outro espaço. Os auxílios são importantes, mas atingem a vida dessa pessoa de forma diferente.”

## Permanência

Para a estudante de pedagogia Amanda Souza, 21, a creche da UnB é o principal suporte da família. Antes da criação do CEI, ela deixava o filho, Jorge Augusto, hoje com 4 anos, em uma creche pública na Asa Norte. Ele frequentava o espaço desde que tinha um ano de idade, o que ajudou tanto a estudante quanto o marido dela, que também estuda na instituição, a darem continuidade aos estudos.

“Isso nos auxiliou a conseguir manter a graduação, porque, mesmo que em alguns momentos eu tivesse que trancar o semestre por causa de adocimento ou outras situações, na maior parte do tempo, a creche foi o grande apoio para mantermos os estudos. Além disso, ter o filho por perto garante a permanência real das mães, pois enfrentamos muitas dificuldades”, descreve.

Arquivo Pessoal



**Tcherry Félix, 26, cofundadora do Mães da UnB, com o filho Oros**

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



**Louise Boeger, 34, trocou a creche particular pela pública**

Waldemir Barreto/Agência Senado



**Ex-senador Rodrigo Cunha (Podemos-AL): autor do projeto**

Como mãe e universitária, Amanda diz que a proximidade de localização do filho também faz diferença, sendo uma oportunidade de os filhos participarem mais da rotina dos pais e de garantir maior proteção para as crianças. “Nós temos que estar com o filho por perto, é uma segurança que é inegociável, ainda mais na universidade, em que não tem uma grade horária fixa”, explica.

A estudante também tem expectativas de que o projeto cresça ainda mais: “É um conforto sabermos que, se futuramente quisermos fazer um mestrado e tivermos outro filho, terá a creche lá. Isso dá uma confiança maior para permanecermos na universidade e nos desenvolvermos acadêmica e profissionalmente.”

## Apoio

A servidora Louise Bouger, 34, está deixando Oliver, de 2 anos, no CEI, após um ano e meio na lista de espera. Antes, ela deixava o filho em uma creche particular por um ano, e percebe diferenças notáveis entre os serviços oferecidos por instituições públicas e privadas, a começar pelo alto custo: a mensalidade passou de R\$ 1.600 para R\$ 2.700 de um mês para o outro.

Com a experiência, a servidora diz que essa é uma realidade que afeta mais as mães, diante da sobrecarga do trabalho e do cuidado com os filhos. “Quando fui notificada sobre esse aumento no custo, vi que a conta não fecharia, e isso não pode acontecer, porque, muitas vezes, a creche é um direito das mães de ter uma rede de apoio.”

Nesse contexto, Louise conta que a creche tem ajudado não só no aspecto financeiro e na socialização do Oliver, como também na quantidade de tempo que passa com ele,

e na melhoria da qualidade de vida dela e do marido. “Só agora nós conseguimos ter qualidade de vida melhor com ele estando bem cuidado, bem alimentado, dentro da creche durante o dia. Esse local é nosso principal apoio hoje, e também percebi que, como o espaço é bem mais amplo, ele tem gostado mais”, comemora a mãe.

## Participação

A iniciativa beneficia não só estudantes, mas também trabalhadores da universidade. O professor Breitner Luiz Tavares, 50, deixa o filho de 2 anos no CEI, e aponta para o papel da creche na situação atual das crianças em relação à tecnologia. “A socialização no ambiente escolar ajuda a retardar esse problema que tem consequências na saúde mental das crianças, então, a creche é muito importante para ter uma um equilíbrio no processo de educação que envolve a família, a criança e a escola também.”

O sociólogo acredita que a participação dos pais e responsáveis em todo o processo do CEI também tem contribuído com a evolução da escola: “Nós temos a oportunidade de contribuir diretamente na construção de um projeto político-pedagógico que vai se estruturar dentro do próprio CEI.”

Considerando esses aspectos, ele vê com bons olhos a ideia de ter uma creche na universidade. “A população universitária é muito grande, então, é positivo fazer com que toda a comunidade escolar, incluindo os filhos de professores, tenham acesso ao serviço, e também incentivar outros modos de educação, como o ensino fundamental e médio”, relata.

**\*Estagiária sob a supervisão de Marina Rodrigues**